

ANÁLISE DAS HABILIDADES SOCIAIS DE UM GRUPO DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: BOM REPERTÓRIO E DESEMPENHO SOCIALMENTE COMPETENTE

*Cláudia Daniele Barros Leite-Salgueiro**,
*Fernanda Cristina Meirinhos de Castro Nunes***,
*Marcus Túlio Caldas****

RESUMO

As habilidades sociais são um conjunto de destrezas sociais, cognitivas e afetivas que instrumentaliza os indivíduos no decorrer do desenvolvimento, orientando-os para o enfrentamento das dificuldades cotidianas. O assunto vem ganhando ampla difusão por conta da importância do desenvolvimento de tais habilidades para os estudantes universitários, que, na atualidade, voltam-se não somente para o contexto profissional, mas também para o pessoal mais amplo. Trata-se de estudo quantitativo descritivo transversal, composto por uma amostra intencional de 60 estudantes de uma universidade privada localizada na região Nordeste. O objetivo desta pesquisa foi analisar as habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003) apresentadas por jovens universitários. A coleta de dados foi realizada através da aplicação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS), instrumento de autorrelato que favorece a identificação de déficits e recursos em habilidades sociais. Os resultados da pesquisa demonstraram bom repertório e desempenho de indivíduos considerados socialmente competentes.

Palavras-chave: Educação. Estudantes universitários. Habilidades sociais. Cognição social.

* Psicóloga formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Discente do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Professora de Psicologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFPE), *Campus* Pesqueira, dos cursos de Licenciatura em Física, Licenciatura em Matemática e Bacharelado em Enfermagem. Endereço postal: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco (IFPE), BR 232, km 208, s/n, Prado, CEP 55.200-000, Pesqueira (PE). Correio eletrônico: danielle_leite_@hotmail.com

** Psicóloga formada pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Pós-graduada em Organizações e Trabalho pela Faculdade Frassinetti do Recife (FAFIRE). É psicóloga da OI S.A. Endereço postal: Rua Almeida Cunha, n.º 245, bloco G/térreo, Boa Vista, CEP 50.050-480, Recife (PE). Correio eletrônico: fernandameirinhos@ig.com.br

*** Médico psiquiatra formado pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Doutor em Psicologia pela Universidade de Deusto (Espanha). Professor do Programa de Doutorado em Psicologia Clínica da Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Médico psiquiatra da Secretaria Estadual de Saúde de Pernambuco (SES/PE). Endereço postal: Rua Almeida Cunha, n.º 245, bloco G/térreo, Boa Vista, CEP 50.050-480, Recife (PE). Correio eletrônico: marcust@unicap.br

ANALYSIS OF THE SOCIAL SKILLS OF A GROUP OF
UNIVERSITY STUDENTS: GOOD REPERTORY AND
SOCIALY COMPETENT PERFORMANCE

ABSTRACT

Social skills are a set of cognitive and affective social skills that equip individuals in the course of development, guiding them in coping with daily difficulties. The subject has been widely disseminated because of the importance of developing such skills for university students, which today is not only for professional context, but also for a broader applicability. This is a cross-sectional descriptive study, composed of an intentional sample of 60 students from a private university located in the northeast region. The objective of this research was to analyze the social skills (DEL PRETTE and DEL PRETTE, 2003) presented by university students. Data collection was done through the application of the Social Skills Inventory (IHS), an instrument of self-report that favors the identification of deficits and resources in social skills. The results of the research demonstrated good repertoire and performance of socially competent individuals.

Keywords: Education. College students. Social skills. Social cognition.

ANÁLISIS DE LAS HABILIDADES SOCIALES DE UN GRUPO
DE ESTUDIANTES UNIVERSITARIOS: BUEN REPERTORIO Y
DESEMPEÑO SOCIALMENTE COMPETENTE

RESUMEN

Las habilidades sociales son un conjunto de destrezas sociales cognitivas y afectivas, que instrumentalizan a los individuos en el transcurso del desarrollo y les orienta en el enfrentamiento de las dificultades cotidianas. El tema recibe amplia difusión por la importancia del desarrollo de tales habilidades por parte de los estudiantes universitarios que, en la actualidad, se vuelve no sólo al contexto profesional, sino al personal más amplio. Se trata de un estudio cuantitativo descriptivo transversal, compuesto por una muestra intencional de 60 estudiantes de una Universidad privada y ubicada en la región nordeste. El objetivo de esta investigación fue hacer un análisis de las habilidades sociales (DEL PRETTE Y DEL PRETTE, 2003) presentadas por jóvenes universitarios. La recolección de datos fue realizada a través de la aplicación del Inventario de Habilidades Sociales (IHS), instrumento de autorrelato que favorece la identificación de déficit y recursos en habilidades sociales. Los resultados de la investigación demostraron buen repertorio y desempeño de individuos considerados socialmente competentes.

Palabras clave: Educación. Estudiantes universitarios. Habilidades sociales. Cognición social.

1 INTRODUÇÃO

A definição de habilidades sociais é determinada mediante pontos de vista distintos (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999) e pode ser estudada a partir de diferentes abordagens. No presente trabalho, elegemos a análise do comportamento (BOLSONI-SILVA, 2002). Segundo essa abordagem, habilidade social é um comportamento operante que maximiza o alcance de reforçadores positivos e negativos. No entanto, Del Prette e Del Prette (2009) reforçam a ausência de uma teorização geral abarcando os diversos modelos de avaliação e intervenção como um sistema integrado (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

Ainda de acordo com os autores, as habilidades sociais são definidas como um conjunto de destrezas sociais, cognitivas e afetivas que instrumentaliza os indivíduos no decorrer do desenvolvimento, orientando-os para o enfrentamento das dificuldades cotidianas. Para alcançar este objetivo, os indivíduos devem ser hábeis no manejo social, interpessoal, cognitivo e emocional, em termos de comunicação, de lidar com sentimentos de agressividade, de ter capacidade empática, além de saber tomar decisões, pensar de modo crítico, saber se autoavaliar consistentemente e lidar com situações de estresse, expressando autocontrole efetivo (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999).

Considerando-se a grande importância do desenvolvimento das habilidades supracitadas, tanto para o contexto profissional quanto para o pessoal mais amplo, observamos que os estudantes universitários vêm figurando como um segmento da população que vem sendo muito exigido, pois, além de uma formação escolar e técnica, lhes é requerida uma desenvoltura socialmente competente, principalmente no manejo das relações interpessoais, para um mercado de trabalho futuro e cada dia mais exigente.

Pesquisadores da área ponderam que, na atual sociedade, o processo social demanda dos profissionais a construção de relações interpessoais que atendam às necessidades das pessoas abrangidas na interação. Essa consideração pode facilitar e melhorar as relações que ocorrem no processo de formação profissional ainda na universidade, pois a utilização das habilidades sociais dos envolvidos no contexto acadêmico é entendida como condição básica para gerar aprendizagem e solucionar demandas sociais e interpessoais (DEL PRETTE, DEL PRETTE, BARRETO, BANDEIRA, RIOS-SALDAÑA, ULIAN, GERK-CARNEIRO, FALCONE E VILLA, 2004; SOARES, GOMES, MAIA, GOMES E MONTEIRO, 2016).

Ademais, o estudo das habilidades sociais dos indivíduos justifica-se pela sua relação com a saúde, a satisfação pessoal, a realização profissional e a qualidade de vida. Além disto, a identificação de possíveis déficits no repertório das habilidades sociais pode servir para subsidiar uma intervenção preventiva, como o Treino de Habilidades Sociais (THS). Estas podem instrumentalizar futuros profissionais, favorecendo a promoção da saúde e refletindo uma melhor desenvoltura na vida profissional e social mais ampla.

Contextualmente, estudos e intercessões contemporâneas empreendidas por diversas organizações internacionais e nacionais, governamentais ou não, vêm focalizando o desenvolvimento de habilidades sociais para proteger e promover a saúde dos jovens em vários países, bem como para estabelecer diretrizes

de ações que ofereçam ferramentas e modelos de programas para sua efetivação (ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE, 2001).

Assim, neste amplo cenário de educação universitária, mercado de trabalho, habilidades sociais e individuais, a presente pesquisa teve o objetivo de analisar as habilidades sociais (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003) apresentadas por jovens universitários de uma universidade privada.

2 MARCO TEÓRICO

De forma geral, a educação superior provoca mudanças no corpo discente nos níveis pessoal, profissional e social. Durante a vivência do curso e seus diversos tipos de atividades acadêmicas, os estudantes são frequentemente estimulados a alternar continuamente suas experiências e vivências (SOARES; MOURÃO; MELLO, 2011).

Diametralmente, nota-se ainda que o mercado de trabalho vem exigindo profissionais jovens e com perfis cada vez mais arrojados, que gostem/tenham capacidade de trabalhar em equipe, apresentem pró-atividade, liderança e foco na resolução de conflitos. Tais exigências ultrapassam a formalização dos estudos de graduação e exigem que os aparelhos educativos incluam uma ampla gama de aptidões, como novas formas de comunicação e de acesso à informação (PRIMI; SANTOS; VENDRAMINI, 2002).

Não obstante, o predomínio da valorização do conhecimento e a própria educação estão alocando novos desafios à universidade da pós-modernidade. Faz-se necessário suplantarmos o modelo pedagógico vigente, baseado na difusão vertical de conhecimentos e das técnicas específicas ao exercício profissional (BECHI, 2011).

Da mesma forma, a inserção no ambiente universitário também requer que o aluno seja autônomo, desbravador, trabalhe em grupo, lide com críticas, defenda seus direitos e tenha uma ativa participação discente e cidadã (GERK; CUNHA, 2006). Isto é, várias das competências sociais exigidas pelo ambiente acadêmico relacionam-se com a habilidade de falar em público, como é o caso de expressar a opinião perante a turma, fazer perguntas em caso de dúvidas e incompreensões, representar a turma, expressar-se nas avaliações orais e apresentações de trabalho, entre outras competências exigidas (OLIVEIRA; DUARTE, 2004).

A área de estudos das habilidades sociais foi erguida de forma eclética, com grande influência das abordagens das psicologias cognitivas e comportamentais. Conforme Del Prette e Del Prette (2000), a raiz dessa área eleva-se em dois movimentos concomitantes: o do treinamento assertivo iniciado por Wolpe e Lazarus nos Estados Unidos e o treinamento de habilidades sociais iniciado por Argyle na Europa, precisamente na Inglaterra (FERREIRA; OLIVEIRA; VANDERBERGHE, 2014).

Bolsoni-Silva e Marturano (2002) enfatizam que o repertório de comportamentos utilizados pelo indivíduo em um contexto situacional é aprendido através das relações interpessoais estabelecidas dentro de determinada cultura, levando-se em conta, portanto, toda a bagagem cultural que possa apresentar.

Referindo-se à cognição social, Bandura (1979) destaca a influência da aprendizagem social, além dos fatores biológicos e psicológicos, na determinação do comportamento exibido pelo indivíduo, que, de forma consequente, influencia o meio. Ou seja, a conduta dos indivíduos é modelada pelas instruções e pela obser-

vação dos modelos sociais em um determinado contexto, fazendo com que estes desenvolvam uma autoeficácia variada para o enfrentamento das situações na vida.

Para avaliar determinado repertório social, torna-se necessário definir competência social. Para Del Prette e Del Prette (1999), os conceitos de Habilidades Sociais (HS) e de Competência Social (CS) são frequentemente aplicados como sinônimos; entretanto, possuem definições distintas. Assim, a terminologia CS deve ser utilizada em um sentido avaliativo, visando qualificar o nível de proficiência com que os comportamentos são ou deveriam ser emitidos, bem como sua congruência e adequação às dimensões pessoal e situacional (BOLSONI-SILVA, 2002).

Neste contexto, Caballo (1999) enfatiza que, assim como outras capacidades, é provável que as habilidades sociais dependam do amadurecimento, bem como das experiências de aprendizagem. Portanto, o desenvolvimento de habilidades, deste modo, segue um ritmo contínuo de aprendizagem, que se modifica a cada fase da vida, desde a mais tenra infância até a idade adulta. Em cada fase, as exigências sociais são distintas e complementares, proporcionando ao indivíduo um repertório mais amplo de habilidades, o qual influencia na qualidade de sua desenvoltura social.

Em importante pesquisa sobre o tema, Del Prette e Del Prette (2004) salientam que habilidades sociais que ocorrem com alta frequência e pouca variabilidade podem ser consideradas como padrões, sugerindo características da cultura ou subcultura que são importantes na seleção de instrumentos de avaliação e no planejamento de intervenções.

Tal pesquisa buscou caracterizar o repertório de habilidades sociais de estudantes de psicologia, eixo das ciências humanas, com base em amostras de quatro estados: Bahia (BA), Minas Gerais (MG), Rio de Janeiro (RJ) e São Paulo (SP). Verificaram-se diferenças entre eles, inclusive no que diz respeito à influência dos fatores gênero e idade, 564 estudantes responderam ao IHS (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2004).

Os resultados do estudo de Del Prette e Del Prette (2004) indicaram estes relevantes dados para o presente estudo: a) os estudantes de psicologia apresentaram escores mais altos que os da amostra normativa no escore geral (EG) EG, F1, F3 e F4 e inferiores no F2 e F5, as diferenças de gênero seguiram os padrões normativos; b) houve influência da localidade, do gênero e da idade sobre os escores, com interação local/gênero e local/idade; c) houve mais diferenças nos resultados quanto ao gênero na BA e menos diferenças no RJ.

As habilidades sociais são uma espécie de qualificação que parece ter sido consolidada na prática cultural. Tal consolidação parece estar presente no contexto da comunidade científica, como repertório socialmente habilidoso (ou repertório socialmente inábil), ou comportamento socialmente habilidoso (ou comportamento inábil ou não habilidoso), como forma de rotular, de designar, de nomear, de adjetivar, de qualificar comportamentos que sejam ou não compatíveis com as funções sociais aceitas dentro das normas, regras do nosso grupo social. (BOLSONI-SILVA; CARRARA, 2010, p. 343).

Contudo, a existência de um repertório elaborado de habilidades sociais é condição necessária, conforme enfatiza a própria definição, mas não suficiente

para um desempenho socialmente competente. Dessa forma, segundo a pesquisa de Del Prette e Del Prette (1999), além da experiência de aprendizagem, existe “[...] ainda um conjunto de fatores pessoais (pensamentos, sentimentos, valores pessoais, atribuições, crenças, metas e planos) que tanto podem facilitar quanto dificultar o exercício desse repertório em uma dada situação social” (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999, p. 14).

Indubitavelmente, a identificação de possíveis déficits no repertório das habilidades sociais servirá para subsidiar uma intervenção preventiva, como o Treino de Habilidades Sociais (THS), que possa instrumentalizar esses futuros profissionais, favorecendo a promoção da saúde, refletindo uma melhor desenvoltura na vida profissional e social mais ampla.

A área de treinamento de habilidades sociais aderiu ao movimento a favor da divulgação das práticas baseadas em evidências. A prática vem sendo manifestada em diferentes áreas da saúde (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2011; MURTA, 2011). Em revisões da literatura, Bolsoni-Silva e Carrara (2010) e Murta (2005) referendam, respectivamente, 12 e 17 estudos empíricos sobre a efetividade de treinamentos de habilidades sociais (THS) no Brasil. Tais estudos abrangeram diversos campos de atuação profissional e diferentes populações.

Pesquisas anteriores englobando exclusivamente estudantes do curso de psicologia revelaram (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 1999; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2001, 2003 - Habilidades Sociais de Estudantes de Psicologia: um estudo multicêntrico) mais semelhanças que diferenças em termos de padrão de desempenho social aferido pelo IHS, chamando a atenção o padrão geral dos estudantes de Psicologia investigados quanto à menor expressividade de sentimentos positivos (F2) e negativos (F5) em relação à amostra normativa de universitários, o que se mostrou particularmente crítico para as amostras do Rio de Janeiro (F2 e F5) e Bahia (F5).

Com estes resultados, os pesquisadores levantaram as seguintes suposições: a) ajustamento do estudante ao estereótipo do psicólogo como um profissional mais contido e controlado; b) déficits de habilidades sociais nesta área que o curso não estaria suprindo, embora focalizando outras características do desempenho social. Del Prette e Del Prette (2003) salientam que estas conjecturas poderiam ser investigadas em estudos futuros, comparando o padrão apresentado pelos iniciantes e concluintes.

De tal modo, apesar de não ter sido o foco do presente estudo, torna-se imprescindível pontuar que o Treino em Habilidades Sociais (THS) pode ser traçado em situações onde não se observa um bom repertório de habilidades sociais. Ele pode ser definido como o conjunto de procedimentos que ensina as pessoas a comportarem-se adequadamente em situações sociais. É também um método útil por ajudar a analisar, de forma realista, uma provável efetividade de atitudes antes de realizá-las.

No âmbito escolar/educacional, a identificação de possíveis déficits no repertório das habilidades sociais pode subsidiar intervenções preventivas, como o Treino de Habilidades Sociais (THS), além de instrumentalizar futuros profissionais, favorecendo a promoção da saúde, refletindo uma melhor autoimagem e desenvoltura na vida profissional e social mais ampla do indivíduo.

3 METODOLOGIA

Trata-se de um estudo quantitativo descritivo transversal. É composto por uma amostra intencional, ratificada consecutivamente por Minayo (2000) e Gil (2009), os quais endossam que a escolha de um extrato da população (grupo estabelecido de elementos que detêm determinados atributos), com base nas informações disponíveis, pode ser avaliada enquanto universo representativo, aprofundando a compreensão desse subgrupo.

A abordagem quantitativa atua em níveis da realidade em que os dados se apresentam aos sentidos - “níveis ecológicos e morfológicos” (MINAYO, 2000). A pesquisa quantitativa tem como pressuposto a separação entre o sujeito investigador e o objeto investigado e faz uso da linguagem matemática na apresentação dos resultados alcançados (WILLIUDWING, 2014). Neste contexto, Gil (2009) afirma que a amostra intencional exige do pesquisador significativo conhecimento da população eleita e do subgrupo selecionado.

3.1 Participantes

Foram investigados 60 jovens de uma universidade do estado de Pernambuco, com idade variando entre 18 e 35 anos, sendo observada uma idade média de 23,05 anos (dp 3.22). A amostra foi selecionada aleatoriamente, conforme as seguintes variáveis: a) área de conhecimento - ciências humanas ou exatas e b) gênero - masculino ou feminino. Participaram do estudo 30 estudantes de ciências humanas (50% do gênero masculino e 50% do gênero feminino) e 30 estudantes de ciências exatas (50% do gênero feminino e 50% do gênero masculino).

3.2 Local de coleta de dados

A entrevista e a aplicação do teste ocorreram numa sala do Departamento de Psicologia de uma universidade do estado de Pernambuco.

3.3 Instrumento

Utilizou-se o Inventário de Habilidades Sociais (IHS), que é um instrumento de autorrelato criado por Del Prette e Del Prette (1999). Este instrumento favorece a identificação de déficits e recursos em habilidades sociais, subsidiando o planejamento e o acompanhamento dos programas de intervenção. O instrumento foi formulado e validado para população brasileira, objetiva caracterizar o desempenho social de adultos e jovens em diferentes situações e contextos (trabalho, escola, família e cotidiano). O Alfa de *Cronbach*, (0,75) sugere uma consistência interna satisfatória.

O IHS é composto por 38 itens, agrupados em cinco fatores: enfrentamento com risco (fator 1); autoafirmação na expressão de afeto positivo (fator 2); conversação e desenvoltura social (fator 3); autoexposição a desconhecidos e situações novas (fator 4) e autocontrole da agressividade e situações aversivas (fator 5). Cada questão contém cinco alternativas que avaliam a frequência de reação a cada situação

proposta, com escores variando de 0 a 4, numa escala do tipo *Lickert*. Os escores obtidos através da apuração dos resultados são convertidos para posição em percentis, proporcionando cinco interpretações: a) indicativo para treino em habilidades sociais (HS) quando os déficits se tornam fonte de problemas; b) bom repertório de HS (abaixo da mediana); c) repertório mediano; d) bom repertório de HS (acima da mediana) e e) repertório bastante elaborado de HS (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003).

3.4 Interpretação do Instrumento IHS

Considerando-se fatores do IHS e segundo o manual de aplicação, apuração e interpretação (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003), torna-se importante destacar o fator 1. O fator 1 (F1 - enfrentamento e autoafirmação com risco) avalia a capacidade para lidar com situações interpessoais que demandam afirmação e defesa de direitos e autoestima, com risco potencial de reação indesejável por parte do interlocutor (possibilidade de rejeição, réplica ou de oposição). Trata-se de um indicador de assertividade e domínio da ansiedade em situações como, por exemplo, apresentar-se a uma pessoa desconhecida, lidar com críticas injustas, abordar parceiro para relacionamento sexual, dentre outras situações.

Já o fator 2 (F2 - autoafirmação na expressão de sentimento positivo) indica habilidades para lidar com a demonstração de afeto positivo e de afirmação da autoestima, não envolvendo risco interpessoal ou risco minimamente indesejável. São exemplos de situações que representam estas habilidades: expressar sentimento positivo, elogiar familiares e outras pessoas, agradecer elogios, dentre outras situações.

O fator 3 (F3 - conversação e desenvoltura social) avalia a capacidade de lidar com situações neutras de aproximação (em termos de afeto positivo e negativo), demandando principalmente “destreza no contato” ou “traquejo social” na conversação. Exemplos de situações julgadas: reagir a elogios, manter e encerrar conversação em contato face a face, pedir favores e recusar pedidos abusivos, encerrar conversa ao telefone, abordar autoridades, dentre outras.

Acerca do fator 4 (F4 - autoexposição a desconhecidos e situações novas), considera-se que este indica a habilidade de abordar pessoas desconhecidas. Aproxima-se do fator anterior, entretanto com maior risco de reação indesejável do outro. Esse fator inclui o seguinte: fazer apresentações ou palestras a um público desconhecido, pedir favores ou fazer perguntas a pessoas desconhecidas, dentre outros.

O fator 5 (F5 - autocontrole da agressividade) pondera a capacidade de reagir a estimulações negativas do interlocutor com razoável controle da raiva e da agressividade. Necessariamente, não seria o mesmo que deixar de expressar desagrado ou raiva, mas demonstrá-lo de forma habilidosa ou socialmente competente, considerando-se o controle sobre os próprios sentimentos negativos. Inclui situações de desenvoltura em lidar com as críticas dos pais ou com brincadeiras ofensivas de outros, por exemplo.

3.5 Procedimentos

Para a realização da coleta de dados, foi solicitado o consentimento por escrito dos representantes legais dos departamentos onde ocorreu a pesquisa (TCLE).

Posteriormente, foi iniciado o contato com os participantes, de acordo com as variáveis apresentadas anteriormente, estabelecendo-se, inicialmente, um bom *rapport*.

A aplicação do instrumento foi realizada de modo individual. Foram fornecidos todos os esclarecimentos acerca dos objetivos e das questões éticas pertinentes à pesquisa e solicitado o livre consentimento por escrito dos participantes, partindo-se então para as instruções necessárias ao preenchimento adequado dos instrumentos. A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa da universidade, seguiu as recomendações da Resolução n.º 466/12 do Conselho Nacional de Saúde/Ministério da Saúde - CNS/MS (BRASIL, 2012).

Os questionários respondidos pelos sujeitos foram analisados, de forma que as situações sociais citadas por eles fossem classificadas em categorias de habilidades sociais, encontradas no manual de correção do teste e na literatura da área. Os dados foram submetidos a uma análise estatística descritiva em termos de frequência, média e desvio padrão das situações sociais mencionadas em cada categoria (5 fatores do IHS).

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Estabelecendo-se um paralelo entre os dados obtidos neste grupo amostral com os resultados encontrados no estudo de referência, no geral, constatou-se um repertório bastante elaborado de habilidades sociais para ambos os gêneros.

Verificou-se, ainda, que o grupo feminino de ambas as áreas de conhecimento apresentou-se mais hábil socialmente, com mediana de 150 e 144, quando comparado ao grupo masculino da área de ciências humanas e exatas, que teve mediana de 138 e 134, simultaneamente. Os Gráficos 1 e 2, que seguem, apresentam a avaliação do repertório de habilidades sociais de homens e mulheres universitários, respectivamente, em função da área de conhecimento:

Gráfico 1 – Distribuição dos homens universitários de acordo com a área de conhecimento (humanas ou exatas) em função de interpretação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS)

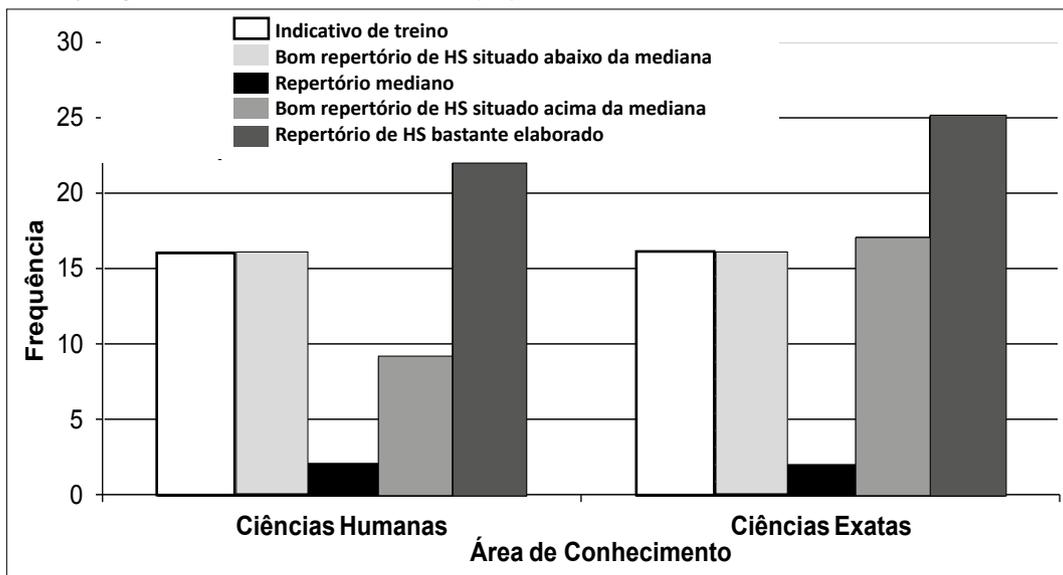
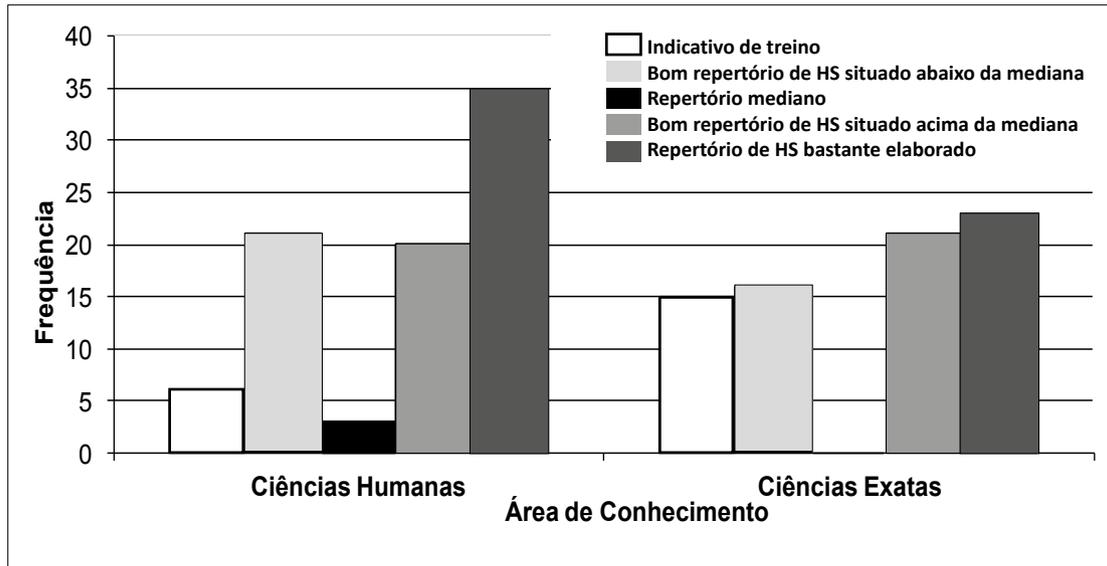


Gráfico 2 – Distribuição das mulheres universitárias, de acordo com a área de conhecimento (humanas ou exatas) em função da interpretação do Inventário de Habilidades Sociais (IHS)



Considerando-se a distribuição das habilidades sociais em torno dos cinco fatores sugeridos por Del Prette e Del Prette (2003), observa-se, na Tabela 1, que para o Fator 1 (enfrentamento e autoafirmação com risco) o grupo masculino apresentou uma média maior (2.37; dp .63) que o grupo feminino (2.25; dp. 66). Para o Fator 3 (conversação e desenvoltura social), verificou-se um predomínio do grupo feminino (2.82; dp .52) em comparação com o masculino (2.57; dp. 58). Com relação ao Fator 4 (autoexposição a desconhecidos e situações novas), as mulheres também apresentaram uma média maior que a dos homens (2.60; dp .87 e 2.32; dp. 91, respectivamente). Evidenciam-se, nos fatores supracitados, escores representativos de um bom repertório, situado acima da mediana para ambos os gêneros.

Tabela 1 – Média dos universitários de acordo com o gênero em função dos cinco fatores do IHS

Gênero	Inventário de Habilidades Sociais (IHS)											
	FATOR 1		FATOR 2		FATOR 3		FATOR 4		FATOR 5		ESCORE TOTAL	
	Méd.	dp.	Méd.	dp.	Méd.	dp.	Méd.	dp.	Méd.	dp.	Méd.	dp.
Masculino	2.37	.63	2.94	.72	2.57	.58	2.32	.91	1.08	.61	135.8	19.48
Feminino	2.25	.66	3.00	.74	2.82	.52	2.60	.87	.93	.51	145.6	19.20

Avaliando o Fator 2 (autoafirmação na expressão de sentimento positivo), o grupo feminino apresentou uma média maior (3.00; dp .74) quando comparado à média masculina (2.94; dp .72). Por fim, para o Fator 5 (autocontrole da agressividade), a média dos homens (1.08; dp .61) superou a das mulheres (.93 ; dp .51). Nestes fatores, evidenciam-se escores correspondentes ao que Del Prette e Del Prette (2003) ratificam como bom repertório de habilidades sociais, de acordo com o manual de aplicação e correção do teste; entretanto, situado abaixo da mediana.

Comparando-se os dados obtidos com as médias do grupo de referência, investigado por Del Prette e Del Prette (2003), constatou-se uma convergência de

resultado quanto às diferenças de gênero apresentadas para os fatores referentes ao enfrentamento e autoafirmação com risco (F1) e ao autocontrole da agressividade (F5). Tal dado sugere que os homens apresentam um repertório mais elaborado de HS que as mulheres indicadas nestes fatores. No grupo feminino, observa-se uma convergência para o fator referente à autoafirmação na expressão de sentimento positivo (F2), indicando neste uma supremacia feminina.

Desse modo, destacando-se um estudo de Del Prette e Del Prette (2003) e relacionando-o aos escores alcançados na pesquisa, importa-nos realçar que uma evolução nas habilidades sociais pode contribuir para melhorar as relações sociais, o convívio na universidade, assim como a saúde e o funcionamento psicológico dos participantes.

Pesquisas empíricas com a população de estudantes estão em fase crescente, uma delas (ROBALINHO; DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2015) demonstrou que os acadêmicos com escores de habilidades sociais mais elevados são capazes de uma maior multiplicidade de condutas interpessoais e flexibilidade nas interações com outras pessoas, enquanto aqueles com baixos desempenhos tendem a desenvolver sempre os mesmos tipos de comportamento nas suas interações.

Apesar de indicativo de Treino de Habilidades Sociais (THS) para os públicos dos cursos superiores da área de humanas e de exatas, os dados ora apresentados revelam, de acordo com o manual de aplicação, apuração e interpretação do IHS, um repertório de habilidades sociais descrito como bom, passível de desenvolvimento. Conforme as diversas implicações das interações e habilidades do contexto social, como bem pontuam Del Prette e Del Prette (2003), um bom repertório de habilidades sociais torna-se necessário para atender às exigências de um mercado de trabalho cada dia mais competitivo e restrito, marcado por mudanças rápidas, tanto na formação técnica quanto nas habilidades interpessoais, para as quais os estudantes devem estar aptos.

Ademais, diferenças observadas entre os gêneros encontram respaldo na concepção de Bandura (1979), o qual enfatiza que o comportamento dos indivíduos pode ser influenciado pelas diferenças biológicas, além dos fatores psicológicos e observações dos modelos sociais apresentados em determinado contexto, promovendo, com isso, um desenvolvimento variado de autoeficácia para o enfrentamento das situações cotidianas. Estas diferenças também se encontram sinalizadas nas conceituações de Bolsoni-Silva e Marturano (2001), quando enfatizam que a aprendizagem do repertório de comportamento se dá através das relações interpessoais, ressaltando as variadas dimensões situacionais e culturais no desempenho das habilidades por parte dos indivíduos.

Neste cerne, considera-se que as habilidades sociais podem funcionar como gatilho para um desempenho socialmente competente no contexto profissional e pessoal mais amplo, um baixo nível de ansiedade e a diminuição da evasão escolar (CUADRAPERALTA, FUENTES-SOTO, MADUEÑO-SOZA, VELOSO-BESIO; BUSTOS MENESES, 2012).

Com implicações ao supracitado, cabe-nos ainda realçar que, assim como ratificado por Del Prette e Del Prette (2003), a competência social deveria ser uma das aptidões incluídas no desígnio da formação universitária, uma vez que essas capacidades seriam indispensáveis nas relações acadêmicas, conseqüentemente, nas relações de trabalho futuras, para as quais os estudantes são minimamente preparados.

Segundo os autores Ferreira, Oliveira e Vanderberghe (2014), esta capacidade faz parte de um currículo oculto, sendo então um subproduto do ensino geral. Certamente, uma inclusão formal e planejada dessas atividades poderia ser mais eficaz para o desenvolvimento dessa competência.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estudos com acadêmicos sobre a temática e a oferta de Treino de Habilidades Sociais (THS), apesar de importantes, são práticas raras. Pesquisas prévias refletem que a natureza situacional e cultural das habilidades sociais vem sendo amplamente reconhecida na literatura. Entretanto, reflete-se que ainda é insuficientemente sustentada por dados empíricos sobre padrões característicos do desempenho social de diferentes grupos culturais.

Entende-se, então, que um maior investimento na temática e no público em questão remete não apenas a questões metodológicas, ligadas ao aperfeiçoamento de instrumentos de avaliação, mas a questões relativas à própria estrutura dos conceitos de habilidades sociais e de competência social (DEL PRETTE; DEL PRETTE, 2003).

Quanto às limitações do presente, sinalizamos que novos estudos com o público-alvo e com outros, assim como com variáveis diversas, são muito bem-vindos, principalmente diante da versatilidade do mercado de trabalho brasileiro.

REFERÊNCIAS

- BANDEIRA, M.; QUAGLIA, M. A. C. Habilidades sociais de estudantes universitários: identificação de situações sociais significativas. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 9, n. 1, p. 45-55, 2005. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/3285/2629>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- BANDURA, A. *Modificação do comportamento*. Rio de Janeiro: Interamericana, 1979. 390 p.
- BECHI, D. Mercantilização do ensino superior: os desafios da universidade diante do atual cenário educacional. *Acta Scientiarum Education*, Maringá, v. 33, n. 1, p. 139-147, 2011. Disponível em: <<https://doaj.org/article/7d9c00341d1c4a29bfeed1716459c3>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- BOLSONI-SILVA, A. T. Habilidades sociais: breve análise da teoria e da prática à luz da análise do comportamento. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 6, n. 2, p. 233-242, 2002. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/psicologia/article/viewFile/3311/2655>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; CARRARA, K. Habilidades sociais e análise do comportamento: compatibilidades e dissensões conceitual-metodológicas. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, p. 330-350, 2010. Disponível em: <<http://repositorio.unesp.br/handle/11449/117912>>. Acesso em: 12 dez. 2016.

- BOLSONI-SILVA, A. T. *et al.* Caracterização das habilidades sociais de universitários. *Contextos Clínicos*, São Leopoldo, v. 3, n. 1, p. 62-75, 2010. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&id=S1983-34822010000100007>. Acesso em: 12 dez. 2016.
- BOLSONI-SILVA, A. T.; MARTURANO, E. M. Práticas educativas e problemas de comportamento: uma análise à luz das habilidades sociais. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 7, n. 2, p. 227-235, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n2/a04v07n2.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- BRASIL. *Resolução 466/2012*. Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. Ministério da Saúde/Conselho Nacional de Saúde, Brasília, 12 dez. 2012.
- CABALLO, V. E. *Manual de técnicas de terapia e modificação do comportamento*. 2. ed. Santos, SP: Livraria Santos, 1999. 873 p.
- CASALI-ROBALINHO, I. G.; DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais como preditoras de problemas de comportamento em escolares. *Psic.: Teor. e Pesq.* [online], Brasília, v. 31, n. 3, p. 321-330, 2015. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v31n3/1806-3446-ptp-31-03-00321.pdf>>. 13 dez. 2016.
- CUADRA-PERALTA, A. A. *et al.* Mejorando clima organizacional y de aula, satisfacción vital y laboral. *Fractal Revista de Psicología*, Niterói, v. 24, n. 1, p. 3-26, 2012. Disponível em: <<http://www.uff.br/periodicoshumanas/index.php/Fractal/article/view/663>>. Acesso em: 11 dez. 2016.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. *Psicologia das habilidades sociais: terapia e educação*. Rio de Janeiro: Vozes, 1999.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. *Inventário de habilidades sociais: manual de aplicação, apuração e interpretação*. 2. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.
- DEL PRETTE, Z. A. P. *et al.* Habilidades sociais de estudantes de psicologia: um estudo multicêntrico. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 17, n. 3, p. 341-350, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v17n3/a07v17n3.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. Habilidades sociais e análise do comportamento: proximidades históricas e atualidades. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 104-111, 2010. Disponível em: <<http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/HABILIDADES%20SOCIAIS%20E%20AN%20C%81LISE%20DO%20COMPORTAMENTO.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.
- FERREIRA, V. S.; OLIVEIRA, M. P. E; VANDERBERGHE, L. Efeitos a curto e longo prazo de um grupo de desenvolvimento de habilidades sociais para universitários. *Psicologia Teoria e Pesquisa*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 73-81, 2014. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n1/09.pdf>>. Acesso em: 17 dez. 2016.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2009.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio*. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

MARLATT, A.; GORDON, J. R. *Prevenção de recaída: estratégias de manutenção no tratamento de comportamentos adictos*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

MINAYO, M. C. S. *O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde*. 7. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: ABRASCO, 2000.

MURTA, S. G. Aplicações do treinamento em habilidades sociais: análise da produção nacional. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v.18, n. 2, p. 283-291, 2005. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v18n2/27480.pdf>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

MURTA, S. G. Aproximando a ciência e a comunidade: a difusão de programas de habilidades sociais baseados em evidência. In: DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Org.). *Habilidades sociais: intervenções efetivas em grupo*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 83-111.

ORGANIZAÇÃO PANAMERICANA DE SAÚDE. *Enfoque de habilidades para la vida para un desarrollo saludable de niños y adolescentes*. División de Promoción y Protección de la Salud. Programa de Salud Familiar e Población. Unidad Técnica de Adolescencia. Washington, Septiembre, 2001. Disponível em: <<http://www1.paho.org/hq/dmdocuments/2010/Reforma-promocion-y-programas-de-salud-adolescentes.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

PRIMI, R.; SANTOS, A. A. A.; VENDRAMINI, C. M. Habilidades básicas e desempenho acadêmico em universitários ingressantes. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 7, n. 1, p. 47-55, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v7n1/10953.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

RIBEIRO, D. C. E; BOLSONI-SILVA, A. T. Potencialidades e dificuldades interpessoais de universitários: estudo de caracterização. *Acta comportamental*, Guadalajara, México, v. 19, n. 2, p. 205-224, 2011. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0188-81452011000200005&script=sci_abstract>. Acesso em: 17 dez. 2016.

SOARES, A. B.; MOURÃO, L.; MELLO, T. V. D. S. Estudo para a construção de um instrumento de comportamentos acadêmico-sociais para estudantes universitários. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 488-506, 2011. Disponível em: <<http://www.revispsi.uerj.br/v11n2/artigos/pdf/v11n2a08.pdf>>. Acesso em: 14 dez. 2016.

SOARES, A. B. *et al.* Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em psicologia? *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, Londrina, v. 7, n. 1, p. 56-76, 2016. Disponível em: <<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/view/23794>>. Acesso em: 11 dez. 2016.

WILLUDWING, A. C. W. Métodos de pesquisa em educação. *Revista Temas em Educação*, João Pessoa, v. 23, n. 2, p. 204-233, 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/18881>>. Acesso em: 17 dez. 2016.